

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Quando a gente lê os jornais e vê o que se passa lá por fora, acaba por ficar um bocadinho mais descansado, podem crer. Assim estava eu todo preocupado com a conta do merceiro e logo vejo nos jornais que a minha dívida é mesmo indigna até de ser mencionada. Calculem vocês que os Estados Unidos anunciaram agora que o seu déficit (isto de dívidas em ponto grande chamam-se déficits) anda por volta dos 45 milhões de dólares e que para o ano que vai chegar aos 70 milhões.

Claro que perante isto tenho o direito de mandar o merceiro à merda se ele me vier pedir os duzentos paus que lhe devo.

Por outro lado acabo de ver que em França as mulheres ganham menos um terço do que os homens nos mesmos empregos. E parece que isto já vem de longe, e promete continuar assim. Portanto não percebo as manias da minha Felismina que anda toda entusiasmada com as ideias de que as mulheres tem por força que passar a estar em igualdade com os homens. Eu estou farto de lhe dizer que aquelas ideias não dão nada, mas ela diz a isso que ou sou marialva, e eu ralado. Mas quando é que as mulheres se convencem que dêem lá as voltas que derem, sempre lhes há-de faltar um bocadinho para serem iguais aos homens? Quando eu digo isto à minha Felismina ela torce o nariz com ar de desprezo e diz-me sempre que é um bocadinho muito

pequeno. Ainda hei-de tirar isto a limpo.

Na Tunísia ao menos os problemas da eleição do presidente ficaram agora reduzidos ao mínimo. Considerando os eminentes serviços prestados ao povo tunisiano, e considerando também muitas outras coisas com certeza, a Assembleia Nacional proclamou por unanimidade Habib Bourguiba presidente vitalício.

Bourguiba tem 72 anos e foi no ano passado eleito para um mandato de cinco anos. Assim ao menos não se pensa mais no caso. E afinal o velhote é bom rapaz.

O senhor Leonidas (para os amigos) Brejnev (para os jornalistas) Secretário Geral

do Partido Comunista da peia, para ver se as coisas se União Soviética (para os entendem cá pela Europa, comunicados oficiais) Acaba sem misturas alheias. Para já o presidente francês já disse que de propor à França, Inglaterra, Alemanha e Itália uma sim. Vamos a ver o que dizem grande conferência pan-euro- os outros...



TÓPICOS DE UMA VIAGEM DE AVIAO

Os câmbios... Ai, os câmbios... "Canadinos" ou "americanos", tudo são dólares, é certo. Mas, há diferenças... No Bar, era tudo a "vinte e dois", nesse dia — menos quase dois escudos que nos Bancos... em Lisboa! Sim, porque no "quiosque cambial" do aeroporto, as cotações "também levam um "corte"! Eles — os estrangeiros — vão nisso, sempre... E, alguns emigrantes que chegam, também. Outros, não vão... Daí 1 cara que eles fazem!... Que família!

Surpresa! A cerveja, portuguesa, "lá no alto", dentro de um avião estrangeiro, custa mais barata que em "casa" — apenas "50centimos", aí uns "doze escudos". E, "bem servida", com uns sorrisos femininos muito agradáveis — coisa pouco vulgar "cá em baixo"!

Bolas para a família!

Ah, E, cada "garrafa de sumo" doze escudos também é de uma pessoa se "atirar ao ar", não acham? Até porque os sumos "lá em cima" estão incluídos no preço do bilhete. Até do "sumo de uva" português (bela pingal) nos dão uma garrafinha!

Fica-se sem saudades da família... do Bar!

Andar "lá por cima", mesmo quando se apanham "buracos" (de ar) no caminho, continua a ser melhor que andar de eléctrico ou de autocarro "cá em baixo" — sobretudo aí... Pode cair o avião? Pois pode! Mas quem pode garantir que não morra de acidente... nesses meios de transporte? Ou de um qualquer aperto?...





"ÔSTÊ" DÃ PERMISSO QU'EU VEJA A BOLA?



— Olhe lá, ôstê me dá permissão de entrar?
— Con mucho gusto! Pero quien es usted?

— Eu soy portuguê! Ôstê não vê?

— Claro! Que es portuguêis lo comprendo por su español! Pero... pero...

— Ah, não, peros nã trago, nã senhora! Sô trago aqui uma bucha e queijo no farnel!

— Pan y queso? Para qué?

— Hombre, ôstê nã vê que agora lá na nossa tierra já se fala claro e já se mija derêto! Agora lá é tudo pão pão queijo!

— Pan pan...?

— Eh, ôho lá ôstê que é disse pão pão e não pum-pum! Isso do pum pum é outra história!

— Qué passa?

— Não passa não senhora! Isso era o que eles queriam! Lá a malta está a coca!

— Muy bien, amigo, muy bien! Es una buena acción!

— Tá claro! A gente começou essa boa ação logo em Abril do ano passado! E ô depois em Setembro repetimos a acción!

— Fué una re-accion!
— Tá claro! Vomecô é esportol! Já m'entiende!

— Y ahora...

— Pois agora a malta estava já a passar p'ras brazas, e acordou sobressaltadã, mas

acordou a tempo! Foi limpinho!

— Si, yo sé! Muchos portugueses han venido para España...

— Pois viniram, viniram! Alguns estão cá de casa e pu carinho! Tinham cá amigos...

— Hombre, amigos amigos... pero ni tanto! Serán amigos del chico...

— Seja lá de quem fór, se eu encontro algum, limpo-lho o cebol!

— Pero Usted tambien lo vendido! Usted es refugiado!

— Nã senhora! Eu sou um desgraçado!

— Desgraçado? Pero por qué, hombre? Por motivos de política?

— Não senhora! Por motivos del Benfica! Nã vê ôstê que eu sou um furioso...

— Ah, Usted es loco?

— Bom, lá isso, louco, louco...

— Bueno, si Usted dice que es furioso...

— Sim senhora, mas é de bola, não é da tola!

— Ahhh! Usted ha venido por causa del partido...

— Não foi nada de partidos, hombre! Isso da política é outra coisa. Eu vim cá p'ra ver a bola!

— Pois es eso! Usted ha venido ver el partido del futbol! — Si senhor! É isso mesmo

"Sabe, a gente lá em Portugal queria ver o derroto..."

— Comprendo! El entusiasmo de un buen partido! Los ataques, las defensas, los goles!

— Tal e cal. Intigamento o futebol lá em Portugal era diferente. Era alienatório...

— Y eso que es?

— Era assim uma coisa que mandava as pessoas só pensar na bola...

— Como Usted?

— No, hombre, no sea burro! Figue sabiendo que he hecho en Portugal já temos liberdade!

— Ya lo sé! Y entonces

Usted no ha querido ver su partido de futbol en libertad?

— Bom eu lá querer, queria! Mas nisso do Benfica, é

doente?

— Está está. Está mesmo a pedir que lhe tratem de salud.

— Si? Y de que sufre el pobre señor?

— El pobre señor sufre de manía de las grandezas!

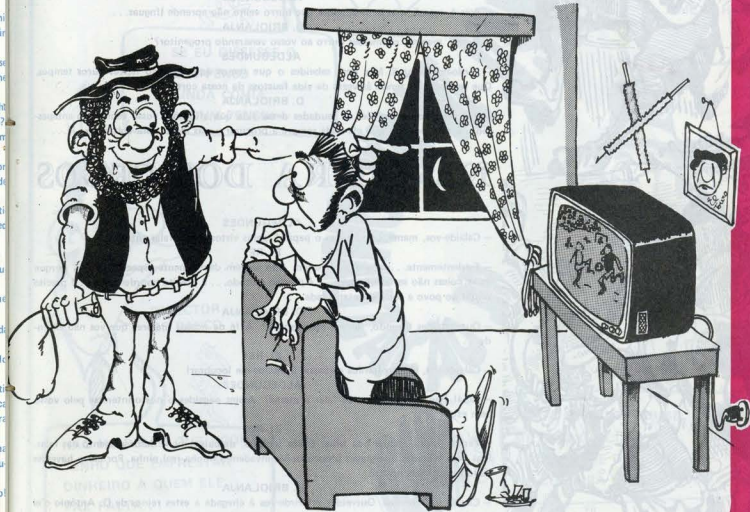
— Ah, comprendo! Eso también pasa aquí...

— Ah, mas lá não passa! Deixe lá que quando forem agora as eleições lá no meu clube...

— Ya no lo quiero?

— Tal e cal. Tá o ôstê a ver: temos lá um desafio internacional, que a televisão manda para todos os outros países, e onde jogo o glorioso.

POR BETINHO



Crônicas medievais



D. BRIOLANJA

— Aldegundes, minha estremosa filha: sabeides por onde anda o vosso caquético progenitor?

ALDEGUNDES

— Como queirides que saiba, senhora minha mãe? Bem sabeides que nestes últimos dias o papá tem andado mais que estragado com as novas que chegaram do nosso antigo reino...

D. BRIOLANJA

— Mas também não percebo porquê! Ele já devia estar acostumado a essas novas...

ALDEGUNDES

— Pois é, mamã, mas bem sabeides que burro velho não aprende línguas...

D. BRIOLANJA

— Credo, menina, chamaides burro ao vosso venerando progenitor?

ALDEGUNDES

— Perdoaide, mamã. Mas bem sabeides o que temos aqui passado nestes duros tempos. Que saudades eu tenho às vezes da vida faustosa da nossa corte!

D. BRIOLANJA

— Por certo serão também as saudades dessa vida que afligem o vosso venerando antepassado. E será por isso que ele anda sempre a procurar novas ideias para voltar para lá...

NA TERRA DOS CEGOS

ALDEGUNDES

— Calaide-vos, mamã, que aí vem o papá. E pelos vistos vem a falar sózinho...

EL-REI

— Evidentemente... porque se tivessem tido alguém devidamente especializado... porque estas coisas não se fazem assim... é preciso método... é preciso coordenação... é preciso impor ao povo a sua espontaneidade...

D. BRIOLANJA

— Que estaides dizendo, senhor meu esposo? À fé de nossos maiores que vos não entendo...

EL-REI

— Calaide-vos, esquizofrénica carcassa. Deixaide-me locubrar!

ALDEGUNDES

— Papá! Isso são maneiras de falar à mamã? Assim pagaiades o nosso interesse pelo vosso bem estar?

EL-REI

— Tendes razão, minha boa filha. E vós senhora, desculpai-me o desbragamento das falas. Mas bem sabeides que graves preocupações invadem a minha real pinha. Por certo haveiades sabido as últimas novas?

D. BRIOLANJA

— Claro que sabemos. Queirides referirde-vos à chegada a estes reinos de D. António d'el cacó?

EL-REI

— Pois a quem havia de ser? E em muito má ocasião para cá o mandaram! Sempre pensei que conhecidos os seus dotes de bom cavaleiro o teriam mandado para a terra dos gauchos, onde ainda poderia entrar nalguma real cavalhada. Mas afinal...

cont. na pág. 10



DONA
DE CASA

ESTOU MUITO SA-
TISFEITA PORQUE
A MIM NÃO ME
TOCA HÁ QUE,
TEMOS
QUE ATÉ MESMO
NA COZINHA SÓ
TENHO
CADEIRAS

ORA CONTE-NOS... O QUE PENSE NA NACIONALIZAÇÃO DA



CAPITALISTA

SE EU DISSESSE O
QUE PENSO
AINDA COMIA
ALGUM PENSO!



OPERÁRIO
FABRIL

OXALÁ
QUE EU
NÃO VENHA
A SER O
MEXILHÃO



DIRECTOR
DE BANCO

NÃO ME DIGAM QUE AGORA
TENHO QUE EMPRESTAR
DINHEIRO A QUEM ELE
FAZ FALTA . . .



CAMPONES

AINDA ESTOU A VER SE
ME EXPLICAM ISSO BEM
A VER SE ME DÁ JEITO
NA CULTURA DOS TOMATES. . .



DEIXAI VIR A MIM

OS PEQUENINOS

Mã o hã direito! Já não se respeitam os mais nobres sentimentos da humanidade! Então quando toda a gente sabe que a bondade, o amor do próximo e

a caridade são das mais celebradas virtudes que podem florescer no coração dos homens, e ainda há quem veja más e duvidosas intenções quando um coração bem formado quer ajudar os outros?

Ninguém devia esquecer que o mais precioso dom dum coração caritativo é dar esmolas, e ninguém portanto deveria estranhar que tal e qual como aquele slogan dos

peditórios públicos que dizia "os que podem ao que precisam" levasse aqueles tão caritativos

banqueiros que coitados até nem sabiam o que haviam de fazer ao dinheiro, a dar umas esmo-

linhas aqueles que tanto precisavam!

Eram pequeninos? Pois eram! Pois por isso

mesmo! É que os nossos caritativíssimos capitalistas gostavam de seguir à risca os preceitos do Evangelho e por isso iam dando as suas esmolas a quem delas tanto precisava!

Tão boa gente! Eles bem sabiam o que as Escrituras mandavam! "Que a vossa esquerda não saiba o que a vossa direita faz! Por isso eles ficavam justamente melindrados quando a esquerda descobria que a direita andava a fazer coisas e como era tão modesta aré às escondidas!

Afinal tudo o que esses altruístas capitalistas faziam era pura e simples caridade cristã! E eles só tinham o naturalíssimo desejo de ajudar a democracia! Seria então de admirar que ajudar a democracia e praticar caridade cristã eles ajudassem a democracia cristã? Claro que só os mal intencionados é que poderiam descobrir nisso algum mal...

Ingratos! Dizer mal dos capitalistas que sempre foram acusados de aferrolharem o seu dinheiro a sete chaves, quando afinal eles o davam generosamente aos partidos pequeninos, para

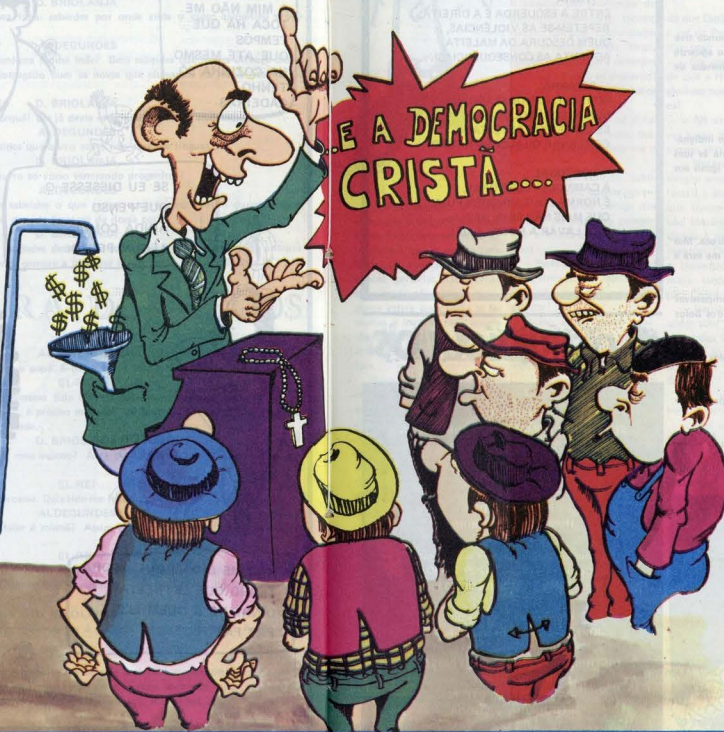
os ajudar a crescer!

Por isso eles diziam suavemente quando lhes perguntavam o que é que eles procuravam para o bem de todos: — Só queremos cumprir os sagrados mandamentos! Por enquanto estamos a dar de comer a quem tem fome e beber a quem tem sede, e a ensinar os ignorantes! Deixai-nos ser bons! Deixai vir a mim os pequeninos!

— Mas depois? — insistiam alguns incrédulos — depois? Continuareis a cumprir os mandamentos?

— Ah, mas naturalmente! Não duvideis das nossas santas intenções! Assim que pudermos, logo daremos cumprimento ao outro mandamento que diz "Castigar os que erram!"

Foi pena que as suas boas intenções não fossem compreendidas. Agora parece que teremos que ser nós a seguir esses nobres exemplos. Rapaziada, vamos lá a visitar os enfermos e encarcerados. E como somos muitos, talvez seja melhor encarcerar mais alguns para todos podermos cumprir esse mandamento...



cont. da pág. 6

D. BRIOLANJA

— Que quereides dizer com esse “afinal”?

EL-REI

— Foi esse anjo ao cavar que me fez ficar mal!

ALDEGUENDES

— Deixaide-lá, meu estremo papá! Tudo há-de passar!

EL-REI

— Passará, mas não deixa de me criar bastantes amargos de boca...

D. BRIOLANJA

— Amargos de boca? Será por isso que andaides sempre procurando ao postilhão da mala postase vos mandaram do reino aquelas encomendas de doces regionais?

EL-REI

— Não. Isso são assuntos secretos de conselho que vos não posso aqui confiar...

D. BRIOLANJA

— Ora essa! Desde quando ó sua senil imitação de fóssil tendes vós segredos para com a carne da vossa carne? Explicaide já o que quereides dizer com essa história dos doces, porque já sinto umas dores na testa!

EL-REI

— Senhora, que me ofendeides com tão aleivosas calúnias! Bem sabeides que nunca tive segredos para vós! E cuidei até que já de há muito soubesseides porque motivo eu aguardo sempre com ansiedade a chegada do postilhão da mala posta com as encomendas de doces...

ALDEGUENDES

— Eu sei...

D. BRIOLANJA

— Mas não sei eu! E pelos vistos no nosso antigo reino andam muito justamente indignadas as damas pela mania que os varões sempre tiveram de não passar cartolina às suas damas! Pois eu também daqui proclamo e imponho que as donas terão direitos iguais aos dos varões!

EL-REI

— Pois quê? Acaso quereides também vós ter direitos iguais a mim?

D. BRIOLANJA

— Se pensaeides o que eu estou a pensar, realmente não ganharia muito com a troca. Mas não desvieides a conversa. Cantaide-me essa balada dos doces regionais que não me está a cheirar lá muito bem!

EL-REI

— Então ficaide a saber que essas encomendas de doces e bolos que gentis e compassivas pessoas amigas me têm enviado, tem sido o pretexto para a coberto da massa dos bolos me enviarem massas que tanta falta aqui fazem...

D. BRIOLANJA

— Não me digaeides! Então era por isso que vós sempre teimastes em abrir os bolos à mão em vez de os cortardes com o cutelo da cozinha?

EL-REI

— Naturalmente! Lembraide-vos daquele grande folar que nos foi enviado o mez passado, e tinha no meio um ninho com três ovinhos?

D. BRIOLANJA

— Se me lembro! Por sinal que vós até dissesteides que quereides ficar com o ninho inteiro como valor sentimental!

— E bastante valor tinha!

ALDEGUENDES

EL-REI

— Se tinha! Dentro do ninho vinha muito bem enroladinha a pasta para o merceiro, e para a última prestação do alfaiate...

D. BRIOLANJA

— Parece impossível! Tudo isso debaixo das minhas respeitáveis barbas, e nunca nenhum de vós me disse! E continuaiades a receber assim os bolos todos?

EL-REI

— Cá vão chegando! O pior foi que ainda há pouco tempo chegou um pão...

D. BRIOLANJA

— De lá?

EL-REI

— Não, de lá. Mas os malvados aguzais e adiantados das fronteiras, adiantaram-se mesmo, e tiraram x do pão...

D. BRIOLANJA

— De lá?

VOLTA AO MUNDO

E. UNIDOS

O CONGRESSO ANDA TRAZEIRO
E A DESPESAS NÃO SE ARROJA...
E O FORD QUER MAIS DINHEIRO,
PARA A GUERRA NO CAMBOJA!...

CHILE

É PENA QUE, O “ACIDENTE”,
QUE VITIMOU O BANILLA,
NÃO VITIMASSE MAIS GENTE
DA FASCISTA CAMARILHA!...

ITÁLIA

ENTRE A ESQUERDA E A DIREITA,
REPETEM-SE AS VIOLÊNCIAS...
QUEM DESCURA DA MALEITA,
AGUENTA AS CONSEQUÊNCIAS!...

ESPAÑA

GOVERNO REMODELADO,
NUNCA SERÁ SOLUÇÃO,
SE UM REGIME DETESTADO
GOVERNAR QUALQUER NAÇÃO!

PORTUGAL

À CAMPANHA ELEITORAL,
É NORMAL QUE NINGUÉM FUJA...
QUE MAIS NÃO SEJA, AFINAL,
P'RA LAVAR A ROUPA SUJA!...

ARIM

OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PRÓPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
R. Conde Redondo nº 12-2º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
REGIMPRESSA
AV. D. JOSE I, LOTE 12
REBOLEIRA - LISBOA

cont. na pág. 15

GRANDES REPORTAGENS



— Ide chatear outro! A caso no vosso bárbaro século já se não respeita o tempo do descanso?

— Oh, espírito esclarecido e sabedor das profundas do passado! Sabe que mesmo nestes tempos conturbados que vivemos ainda ferozmente lutamos para defender o sagrado direito ao descanso! Não nos julgues tão bárbaros como isso!

— Ieramá! Quem tal dirial! Defendeis então o vosso descanso e pretendeis lixar-me o meu?

— Perdoo, espírito sublimel! Queremos apenas aprender a veneranda ciência dos tempos perdidos no passado que a História nos não ensinoul!

— Bofé que tendes topetel! Não ensinou vil mentira é! Sois vós que não quizeistes estudarl!

— Acaso sabeis quem sou? — Ignoramo-lo, espírito preclaro! Quereis manifestar-vos?

— Ignorando-o demonstrais serdes ignorantes. E quanto a manifestações, corre aqui nas infinitas regiões do Além que vós gostais muito delas, e por elas andais sempre em duvidosos ajuntamentos e a la fé de quem sou — ou melhor, de quem fui — não me parece que me agrade muito essas manifestações!

— Desculpaide o mau jeito, espírito impoluto!

— Bofé, que topete tendes! Que me estais chamando?

— Espírito impoluto! Espírito notável! Espírito brilhante! Espírito... .

— Cuidado com os nomes que me chamais!

— Pois quê? Não sois vós um espírito?

— Sou, mas não santo. Nada de confusões! Ficaí sabent-



do que Diniz foi o meu nome, e rei de Portugal eu fui, por meu mal!

— Por vosso mal? Pois crede que a História vos alçou a glorioso nome, insigne monarca!

— Ah sim? Dizeide-me, se vos apraz, que celebra de mim a vossa História?

— Notáveis feitos e saber, insigne antepassado! Diz que fosteis o sexto rei de Portugal que tivestes cuidada educação literária e que vos dedicastes a reformas e melhoramentos! Que haveis fundado a Universidade de Lisboa e mais tarde a transferísteis para Coimbra... .

— Verdade é, à la fé de quem soul! Fui na verdade eu quem deu início, na vida académica, às transferências ao abrigo do estatuto do estudante... .

— Não me digaiades! E o vosso engenho poético... .

— Pois quê? Também se fala nisso?

— Se fata? Inda hoje os estudantes o conservam nas suas mesas, porque de vez em

quando aparecem provas de exame a falar nisso... .

— Bofé! Não me faleis de estudantes, nem de universidades! Em muito má conta as tenho!

— Porquê, nobre e celebrado senhor? Lembrai-vos que a cultura nacional começou praticamente em vós! Criastes um marco na nossa História, trazendo os estudos que eram privilégio de poucos nobres, até ao povo... .

— Não me façades rir, que tenho a caveira empenada! Não era a minha Universidade, que já em 1290 sofreu ataques e perseguições da nobreza, e talvez por isso eu tive que a mudar poucos anos depois para Coimbra para não dar tanto nas vistas, ficou aberta ao povo?

— Pois... na verdade... isto é... .

— Isso é mas é grossa aleivosial! Se bem procurades nos velhos alfarabais da Torre do Tombo, onde estão os rascunhos das minhas ordenanças a respeito dos estudos, não encontreis nada... .

se pareça com esses decantados exames de inquisição ou aptidão ou lá o que lhes chamais!

— Sabei, notável monarca que temo estado a pensar nisso... .

— A pensar morreram já muitos burros, e vós por esse caminho seguireis! E já que tivestes a audácia de interromper o meu descanso, ficai sabendo que o vosso atrazo mental é tão grande que no bárbaro século em que viveis ainda não conseguistes inventar nada mais do que em estudos eu já não tivesse inventado!

— Perdoaiade, sabedor monarca! Mas temos feito muita coisa a respeito do ensino! E até ultimamente inventámos uma coisa chamada o Serviço Cívico para o substituir ou completar, que afinal... .

— Que afinal prova a vossa ignorância! Então vós, ignorantes perros desconhecéis que fui eu quem inventou isso?

— Vós, senhor rei!

— Sim eu, malfadados bárbaros, palavrosos sandeues e mentecaptos imbecis! Ficai sabendo que numa das minhas ordenações deixei determinado que quem chumbasse em três cadeiras por andar na moina iria desterrado para as terras estremenas, cavar as terras!

— Ah! Então foi isso... .

— Foi assim que eu consengui que se plantasse o pinhal de Leiria! E ali não havia greves! E agora deixai-me ir continuar o meu descanso!

— Descansaí em paz, nobre e sábio monarca!

Vocês deviam compreender que o tremendo esforço psico-fisiológico-metalico-espiritistio que é preciso para fazer uma emissão em FM das épocas perdidas nas brumas do passado não permite que a gente esteja aqui todas as semanas a invocar toda aquela matula que está há centenas e milhares de anos a fazer tijolo.

Claro que eu sei que essas emissões são muito importantes, mas mais importante é a gente apanhar uma indigestão das bocas que eles estão sempre prontos a largar e depois de os ter invocado a gente não lhes pode tapar a boca até porque nem se sabe donde vêm as vozes.

De qualquer maneira e atendendo aos pedidos de várias famílias hoje decidimos tornar a por a mesa pé-de-galo e começar a sintonizar as ondas mais curtas que encontramos até encontrarmos tempo polido onde se descortinava uma nodoa de vinho tinto, quando... .

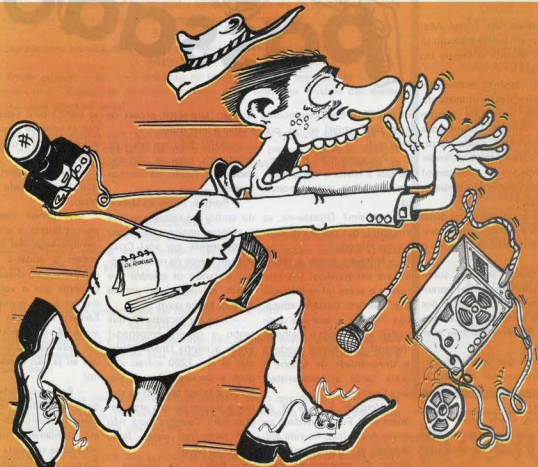
— Uial! Sus! Perros vilões! Quem se atreve a quebrar o meu géldio penar?

— Perdoo, espírito notável! E dá-nos a luz do teu saber!



O PRECURSOR

DO PUM-PUM



ENTREVISTA

Era nesta coisa de arranjar entrevistas, a gente passa as passinhas do Algarve, que ao que parece são as mais passadinhas. Cá por mim tenho todas as semanas este oso para roer, e acreditem que me dá mais trabalho descobrir quem é que hei-de entrevistar do que fazer a entrevista propriamente dita, porque essa é fácil.

E ligar o gravador e anotar. Mas desta vez mal cheguei à redacção o sacrilégio do meu chefe olhou para mim com aqueles olhos de carneiro mal-morto (e a minha vontade era matá-lo todo) e perguntou-me muito delicadamente: — Então é vossa excelência; quem é que vai entrevistar esta semana? Aqui eu comecei a fi-

meter em políticos. Mas lá fui.

Quando ia ali perto do Bairro Alto encontrei o meu amigo Ilídio.

Vocês conhecem o Ilídio, que é de Setúbal. Aquele que carrega nos erros.

— Atão pá! O que é que fazes por aqui? — Olha venho ver se entrevisto um gajo desses reguilhas, dos pum-puns...

— O quê desses injunhos? mas pa quê, pá?

— Sei lá! O meu chefe pediu-me assim com muito bons modos, e eu gostava de lhe fazer a vontade. E também gostava de conhecer um gajo desses, assim vivaço, desses que fazem aquelas pilantradas...

— Olha, olhai! Pilantradas eles? É pá, se esses putos souberam o que eu fazia quando tinha a idade deles, inté ficavam" de boca aberta!

— O quê? Tu também foste assim regulu?

— Euuuuuu! É pá, né me fales nisso! E já te contei o quê fiz, cande estava no orfanato.

— Sei lá!

— É pá! Olha é puz aquela malta a funcionar, a dorroê. P'ra já quando andava lá abrrrrram láus cabôques e saíram uns osses, quera dum escalêtes que tavam lá interrados há um rôr d'anos. E cá assim que vi os osses, rôbei logo um monte deles, e todos dias punha um d'ois na panela do rancho!

— Se calhar vou entrevistar um pum-pum qualquer...

— É pá, isso é bestial! Saia já! Tome lá já uma senha para um bilhete de eléctrico e vá entrevistar o gajo!

— Fiquei lixado. Agora tinha mesmo que entrevistar um pum-pum! E eu que nunca gostei de me

— Pois é, mas também os gajos andavam sempre a chatear!

— Chica que tu eras beral! Com certeza que ninguém te gramava!

— Olha, olhai! Lá a rapaziada lá toda por mim! Verdade verdade que não me gramavaerra o pai. Olha inté tantas fiz qu'ele teve que me vir trazer à nha mãe, e a gen-

te inté morava ali p'ras terras, e ela ficou muito chateada...

— Puderá! A fazeres dessas...

— Cais dessas? Isto nim era nada! Lá o padre é que era esquisito!

— Aquilo era o mê feitiço de tar sempre a rinar... Mas depois lá assistentate um bocado...

— Pois assentei. Assenti tropa. Mas isso foi depois! Já é tinha p'raji vinte seis anos...

— Vinte e seis anos? Então como é que foi nim esse? Esqueceram-se de pesar cinquenta quilos, é cá pensi que os gajos não queriam assim gente fraquinha, e lá me astrevi a ir ao quartel qu'era só p'ra lhes dizer que estava muito fraquinho e inté tinha tido um desastre, e porisso não podia ser apurado...

— E então?

— Intão... olha: fiquei logo lá e dali fui logo c'o artigo p'ro forte...

— Bom mas depois na tropa passou a ter juízo...

— Tá claro! Só uma vez é qu'eu tava a rénar nom outro gajo os c'obois, com uma espingarda que nem era a minha, qu'eu tinha ido buscar à arrecadação, e nem tinha balas nem na-

da, e a gente tava só a rénar e a gritar: Pum! Pum! Tás morto! Já te matei!

E a gente atirava-se p'ro chão e fartava-se de se rir, e veio lá um pinoca dum oficial e lá foi a gente outra vez c'o artigo p'ro forte!

— Chatos!

— Pois foi. Mas olha qu'a gente é que podia ensinar esses putos reguilhas a ser pum-puns!

— Então não acreditas nelés?

— Orra... cá p'ra minha medida, nem chegam a pim-pim, quanto mais a pum-pum!



PA RECE IMPOSSIVEL

Eu até às vezes nem gosto de falar nestas coisas. Mas a verdade é que eu não tenho culpa das coisas de que não sou culpado.

Ontem quando saí de casa meti-me no carro e quando ia pô-lo a trabalhar, o gajo disse-me logo: — Nem penses nisso.

Claro que fiquei chateado, até porque eu já sabia que o gajo andava de ponta comigo. Sei lá porquê? Parvoicos! Parece que o gajo andava com o complexo de eu não o

mandar periodicamente às revisões, mas eu sempre embirrei com essas coisas e não lhe passava cartolina.

A verdade é que o gajo teimou e não arredou dali. Perguntei-lhe se tinha sede ou queria beber um copo de gasolina, e o gajo moita.

Perguntei se seria falta de faísca, e o gajo revistou-me uns olhos de chaveco mal morto e nem respondeu.

Não perdi a calma. O gajo estava a embirrar,

mas eu abri-lhe o casaco para ver se tinha algum intestino desligado, e não tinha. Baixei-lhe as calças para ver se tinha o rabo sujo, e não tinha. Fui-lhe à dispensa ver se tinha bebida que chegasse e tinha.

Apalpei-lhe o pulso a ver se o gajo fazia tic-tac, e fazia.

Espera aí que já te lixo.

Meti-me nele e empurrei-o pela rua abaixo. Eu já sabia que o gajo não ia lá às primeiras, por isso meti-lhe uma segunda. Quando o gajo ia todo satisfeito a gozar em patins, tirei-lhe o pé do rabo, e o

gajo levou uma esfoladela nos calos que até guinchou.

Claro, engasgou-se, tossiu três ou quatro vezes e como ficou com falta de ar, lá lhe desapertei um bocadinho o caloinho para ele poder respirar. Como viu que não levava a melhor lá ficou a rosnar de má vontade e ainda a ameaçar-me em voz baixa.

Tirei-lhe logo as peneiras. Apertei-lhe o rabo com força e o gajo com a dor rugiu como uma fera. Nessa altura não estive com meias medidas: engatei o gajo e fui-me embo-

ra. Essas mariquices de andar a fazer festinhas a estes gajos não são para mim. Eu cá até já o avisei: torna-me a fazer outra igual e vou deixá-lo onde o encontrei, porque a chavinha com que o abri e trouxe comigo, também abre outro qualquer, e pelo mesmo preço. É só o trabalho de lhe mudar as chapas e fico com outro por outros quinze dias.

Agora parece que o gajo já tomou juízo, e já nem geme quando lhe meto a chave. É bom que se saiba...

FILOSOFIAS DE PATALCO... TÁVEZ NÃO!

Algumas mulheres são como os automóveis: devem ter-se sempre na mão para não desarvorarem! Mas, quando se lhes mete a mão demais, também podem dar acidente!...

Dos verbos cada qual utiliza, afinal, os tempos e as pessoas que mais lhe convêm... mesmo que não concordem. E cansam-se os gramáticos a pôr tudo muito direitinho!...

Dar um passo em frente é sempre de tentar... desde que não se corra o risco de dar dois (ou mais) à retaguarda. O mal de muitos é fecharem os olhos quando avançam!...

Ameijoas e mulheres: ao natural!

Duas coisas muito poucos encaram de frente: a Verdade e a Morte. É por isso que tantos se sentem apanhados à traição, quando tais coisas lhes batem à porta!...

Não é que certas pessoas gostem de chegar atrasados ao emprego. Talvez seja antes uma instintiva curiosidade em ver o andamento que os outros estão dando ao trabalho!...

ARIM

AGORA QUE ESTOU TESO
É QUE OS BANCOS
FICAM AO SERVIÇO DO
POVO!...



Ontem a minha vizinha do lado começou a mandar vir e a dizer que a vida estava caríssima e que estas patacoadas que eu ensinava aqui no jornal a aconselhar economias que eram tudo baboseiras, que ela sabia muito bem a como é que estava tudo, que desde o pão ao leite do peixe à carne, dos tempêros à fruta, está tudo pela hora da morte e ora diga-me cá o vizinho (dizia ela) como é que eu hei-de fazer o comer para a família, se cada vez que compro uma coisa qualquer dou uma nota de cem e dão-me dez tostões de troco, que já nem chega para dar de gorjeta ao homem do lixo que também agora anda com os outros todos dos telegramas, da água, da luz, dos correios e de mais não sei o quê a pedir as amêndoas da Páscoa quando as amêndoas estão a mais de três notas o quilo e nem sei mesmo porque é que ainda as vendem ao quilo e não é em gramas como na farmácia, sim porque até mesmo isso da farmácia a gente também lá gasta um dinheirão ainda a semana passada o meu Alexandre quis comprar um xarope para a tosse e o farmacêutico disse-lhe logo que para a tosse só tinha xaropes de mais de cem paus, porque se levasse outro remédio mais barato não lhe

fazia nada e o meu Alexandre por causa da tosse lá veio com o xarope e eu fui a provar e era como aqueles que eu antigamente fazia que era só açúcar mascavado em molho de cenouras, e quando o meu Alexandre foi lá pedir explicações (porque eu o obriguei a isso) o farmacêutico perguntou-lhe se ele sabia a que preço estava o açúcar e a que preço estavam as cenouras e como o meu Alexandre não sabia ele disse ah pois é o senhor não sabe, mas fique sabendo que pelo preço que leva aí tanto açúcar até o pode utilizar para pôr no café mas o meu Alexandre diz que não gosta do café a saber a cenouras, naturalmente porque o que ele é é um nabo porque se fosse eu quem tirava a tosse ao farmacêutico era eu porque afinal eu ontem queria que a peixeira da Sapa me vendesse umas pescadinhas que lá tinha e que eram a sessenta paus o quilo e eu disse que elas deviam era ter o rabo na boca e a peixeira disse-me que por sessenta paus até lá punha o rabo na boca fosse de quem fosse porque a vida está pela hora da morte e a gente já não sabe como é que há-de resolver as coisas, eu cá por mim já decidi que essa mania que havia antigamente de se fazerem dois al-

moços e um jantar vai acabar porque toda a gente tinha a mania dum pequeno almoço e depois logo de outro a seguir e agora cá em casa só há duas refeições que é um pequeno almoço e um pequeno jantar e às vezes até é tão pequeno que nem se vê mas quem faz bem é a minha cunhada que resolveu dizer aos filhos que quem quiser passar sem almoço ganha vinte paus e todos querem ficar com os vinte paus e depois ao jantar ele diz que quem quiser jantar tem que lhe dar vinte paus, e aí já muitos não querem porque já gastaram os vinte paus em papo-secos, e bem secos que com viste paus o tempo não vai para marmeladas que era uma coisa que a gente cá em casa eu e o meu Alexandre gostávamos muito mas agora como a marmelada também subiu muito por causa do açúcar quando é ao depois do jantar e o meu Alexandre diz que quer marmelada a resposta que eu lhe dou é que venha para a cama porque corpo deitado aguenta muita fome e no fim já sei que quem aguenta com as decomposturas sou eu, isto tudo dizia a minha vizinha por eu estar a dar conselhos de economia por isso acho melhor esta semana não dar receita nenhuma senão está que ela deu da marmelada e ir para a cama.



UM COBARDE PODE SER EQUIVALENTE?



QUEM TEM "BICOS DE PAPAGAIO" SERÁ MESMO DESCENDENTE DO MACACO?



UM TIPO BESTIAL NUNCA É UMA BESTA?



QUEM TEM TELHADOS DE VIDRO DEVE CONSIDERAR-SE UMA PLANTA DE ESTUFA?



AS HIENAS RIEM-SE DO MESMO QUE CERTAS PESSOAS?



OS MACACOS PRÃO CARETAS PARA IMITAR OS HOMENS?



OS CANGARÚS APENAS METEM OS FILHOS NA BOLSA OU TAMBÉM METEM INVEJA A QUEM NÃO TEM BOLSA PARA OS FILHOS?



O LOBO É MESMO UM ANIMAL FERROZ OU APENAS UM CÃO BANIDO DA SOCIEDADE?



OS BICHOS-DE-CONTA ENCONLHEM-SE PARA NÃO PRESTAR CONTAS?



AS COBRAS RASTEJAM APENAS POR NÃO TEREM PERNAS OU TAMBÉM POR MOTIVOS HUMANOS?...



AS GALINHAS GOSTAM DE PÔR OVOS OU NÃO TÊM OUTRO REMÉDIO?

NA TERRA DOS CEGOS

cont. da pág. 10

EL-REI

- Não de lá. Tiraram a massa e mandaram-me só as cascas. Malditos infieis!

D. BRIOLANJA

- Deixaide lá, meu estremoso esposo! Prestes pensareis noutra processo. ...

EL-REI

- Por certo pensarei. Tenho pena de ter perdido a senha que era tão boa e tão inteligente, e que me indicava as novas remessas. Sabeides qual era?

D. BRIOLANJA

- Senhor é ingável que tendes esperto no cabeça, como dizia a minha antiga acafata. Mas porque estades tão preocupado?

EL-REI

- Porque hei recebido uma outra senha que graves preocupações me trouxe. ... nem sei o que ela significará. ...

D. BRIOLANJA

- Que senha? Quem vo-la mandou?

EL-REI

- Ignoro quem se atreveu. Mas a senha é "na terra dos cegos, quem tem um cacó é rei"...

SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS
FABULOSA
GAMA DE
APARELHAGENS
ELECTRODOMÉ-
TICA E DE
SOM
ESTEREOFÓNICO
DAS MAIS
FABULOSAS
E
ACREDITADAS
MARCAS
MUNDIAIS

MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"